



## Desalento no mercado de trabalho

**Síntese:** *O país conseguiu atravessar a crise econômica sem ver as condições de seu mercado de trabalho naufragarem. Mas as características dos empregos gerados e o comportamento da população economicamente ativa sugerem que a situação atual não é das melhores. A cada mês, milhares de brasileiros têm desistido de buscar um emprego, fenômeno chamado de "desalento". Além disso, vêm crescendo as ocupações de pior qualidade e remuneração mais baixa: o universo dos trabalhadores que recebem menos de um salário mínimo mais que dobrou nos anos Lula.*

O mercado de trabalho brasileiro sofreu pouco as consequências mais danosas da crise econômica que explodiu no último trimestre do ano passado. Aqui, o comportamento foi bem diferente do observado em países como Estados Unidos, Inglaterra e Espanha, todos ainda às voltas com exércitos de desempregados.

Após atingir um máximo de 9% em maio, a taxa de desemprego brasileira apresentou redução em praticamente todos os meses subsequentes, atingindo 7,5% em outubro, mesmo patamar verificado um ano antes. É bom que o número de pessoas que perderam seus empregos não tenha crescido tanto quanto ocorreu nos primeiros seis meses da crise, quando quase 700 mil postos chegaram a ser fechados.

Um mercado de trabalho aquecido gera efeitos multiplicadores para a economia como um todo por manter elevada a demanda por bens e serviços e, por conseguinte, a sua produção. Mas, infelizmente, os vistosos dados sobre o emprego escamoteiam alguns movimentos preocupantes subjacentes no país.

### Menos pessoas procuram emprego

Uma das características negativas em relação ao comportamento do emprego nos últimos meses é o chamado "desalento". No jargão econômico, o termo designa a situação em que as pessoas deixam de procurar trabalho por acreditar que as condições do mercado estão muito deterioradas e que seria improvável, caso efetivamente buscassem, encontrar alguma oportunidade. É precisamente o que ocorre no Brasil neste momento, de acordo com as estatísticas.

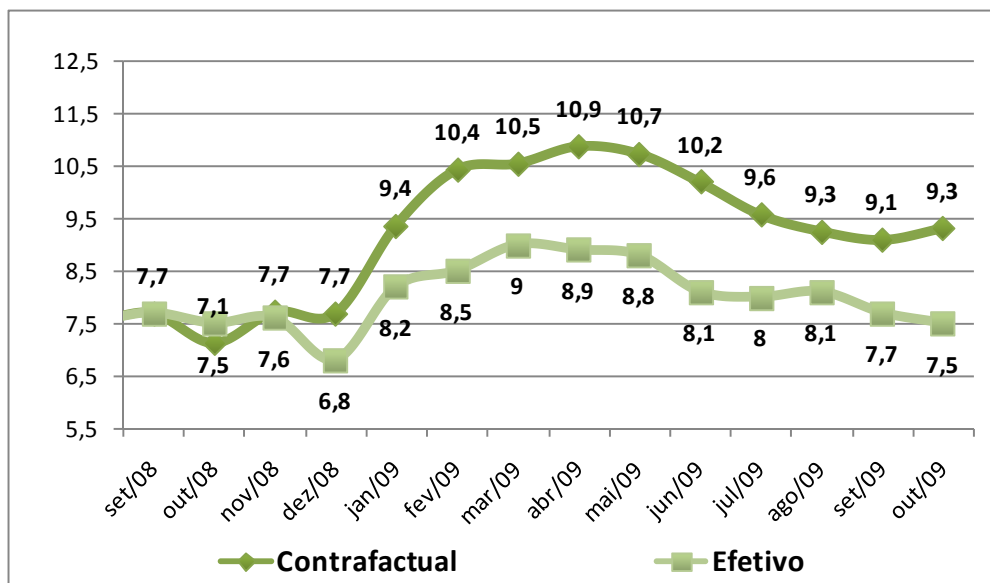
O desemprego é medido como a razão entre a população desocupada e a população economicamente ativa (PEA). Historicamente, no país a PEA cresce a uma taxa de 0,18% ao mês. Mas, no período pós-crise, entre setembro de 2008 a outubro de 2009, houve crescimento médio de mero 0,03% na PEA. O que isso significa?

Significa que, embora a população em idade de ingressar no mercado de trabalho permaneça crescendo continuamente, o total de brasileiros em busca de emprego quase não tem se alterado. Mais que isso, as pessoas têm deixado

de procurar novas oportunidades e/ou ocupações, como ocorreu em outubro, quando 61 mil brasileiros deixaram de compor a PEA, ou seja, desistiram de procurar trabalho.

A taxa de desemprego caiu em outubro de 7,7% para 7,5%, embora a população ocupada tenha se mantido rigorosamente estável em 21,5 milhões. Fica, então, a pergunta: se não houve aumento no total de ocupados, como pode o desemprego ter diminuído? A resposta está, justamente, no comportamento declinante da PEA, que caiu 0,26% em outubro. Portanto, a queda de 0,2 ponto percentual no desemprego verificada naquele mês pode ser integralmente creditada à redução da população ativa e não a melhorias efetivas nos níveis de ocupação.

### Evolução das taxas mensais de desemprego (em %)



Fonte: IBGE

Na realidade, o crescimento da população ocupada no período posterior à crise tem sido bastante fraco. A expansão média mensal situa-se em 0,04%, bem abaixo da média histórica de crescimento para este indicador (0,24%). Apenas construção civil e administração pública se aproximaram de suas marcas históricas, mas nenhum dos setores pesquisados pelo IBGE viu sua população ocupada crescer nos últimos 13 meses.

Um exercício estatístico ilustra como o desalento tem impactado – para baixo – as taxas de desemprego no país, mascarando-as. Se, no período posterior à eclosão da crise, a PEA tivesse mantido seu ritmo histórico de expansão, com mais pessoas engrossando a busca por trabalho, as taxas de desocupação estariam bem mais elevadas no país atualmente. Em números, se a PEA estivesse crescendo à taxa mensal de 0,18%, como ocorria até antes de setembro do ano passado, a taxa de desemprego brasileira seria hoje de 9,3% ou quase dois pontos percentuais acima da efetivamente registrada (ver gráfico).

### Salários mais baixos

Este, porém, não é o único indicador a sugerir certa deterioração nas condições de trabalho no país. É bastante significativa a evolução do total de pessoas sub-

remuneradas no nosso mercado. Nesta categoria, são enquadrados aqueles cujo rendimento é inferior ao salário mínimo para jornadas de 40 horas semanais.

Atualmente, segundo a mais recente pesquisa mensal de emprego do IBGE, existem no país 3,7 milhões de pessoas nesta situação. O número cresceu 6% desde setembro de 2008. Mas é ainda mais impressionante a sua evolução ao longo dos anos Lula: em dezembro de 2002, havia apenas 1,7 milhão de brasileiros ganhando menos de um salário mínimo. Ou seja, no governo petista este contingente mais que dobrou de tamanho.

Desta análise emerge com nitidez algo que já vem sendo notado por quem se dedica a analisar mais a fundo o comportamento do emprego no país: as vagas que estão sendo geradas nos últimos anos são, em geral, de pior qualidade e de baixa remuneração. As oportunidades de trabalho têm sido criadas em detrimento de postos cujos salários são melhores.

Segundo dados da PNAD de 2008, 28,6 milhões de brasileiros ganham entre um e dois salários mínimos. São dois milhões a mais do que em 2005. Já os que recebem o equivalente a entre cinco e dez mínimos caíram de 5,1 milhões para 4,9 milhões no mesmo período. Em termos relativos, 31% percebem de um a dois pisos, ante 28,6% em 2005. Na faixa superior, 8,2% ganham acima de cinco mínimos, ante 8,9% três anos atrás.

Melhorar as condições do mercado de trabalho está no topo das prioridades de qualquer governo que mire o bem-estar de sua população. O desempenho brasileiro ao longo deste ano foi positivo, mas é preciso estar atento à real situação dos postos gerados. Parece claro que, embora a abertura de novas oportunidades siga avançando, será preciso um esforço maior para evitar que dificuldades que possam surgir à frente comprometam ainda mais a qualidade do emprego no país.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

---

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA – [www.itv.org.br](http://www.itv.org.br)

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . [itv@itv.org.br](mailto:itv@itv.org.br)